

Tradução do russo e edição por CN, 09.10.2015

(original em: <http://cccp-kpss.narod.ru/arhiv/soprobos/Pozadi.htm>)

---

# **Para trás de nós não ficou apenas o PCUS<sup>1</sup>**

**Tatiana Khabarova**

**Junho de 1994**

Uma conversa séria e convincente sobre as causas do que aconteceu ao partido e ao país continua teimosamente a não ser possível entre nós, no meu ponto de vista, por uma razão inteiramente banal: a esmagadora maioria dos intervenientes não relaciona de forma alguma a sua análise com a sua própria vida, com a sua biografia real e não com a biografia política previamente inventada. Ora a catástrofe que se abateu sobre nós não teve início nos últimos cinco anos, mas amadureceu durante várias décadas, e todos nós, voluntária ou involuntariamente, fomos participantes neste processo dramático. Decorria a Terceira Guerra Mundial<sup>2</sup> e apesar de termos consciência desse facto, só quando sofremos uma derrota demolidora se tornou claro que nós, comunistas, objectivamente, éramos participantes nessa guerra. Mas não é de modo algum tarde para apurarmos quem fez o quê nessa guerra.

No que me toca pessoalmente, defendi a tese de doutoramento em 1968 e logo fui colocada como jovem especialista no Instituto do Movimento Operário Internacional da Academia das Ciências da URSS. Neste instituto, e infelizmente não era de longe o único, já nesse tempo reinava a «*quinta coluna*» ideológica. Era possível ouvir ali praticamente todo o lixo anti-soviético e antimarxista que foi despejado abertamente nas páginas da nossa imprensa, nos ecrãs de televisão e nas emissões de rádio durante o período da «*perestroika*». É surpreendente como conseguiram conter-se até 1985...

A sincera dedicação ao leninismo, as convicções ideológicas comunistas eram consideradas descaradamente por esses cientistas, passe-se o termo, como «*distúrbios*

---

<sup>1</sup> Artigo escrito com base na intervenção feita na conferência do PCFR, subordinada ao tema «*Causas da derrota do PCUS e as vias para a saída da crise*», realizada em Moscovo, a 30 de Junho de 1994.

<sup>2</sup> A Terceira Guerra Mundial, comumente designada de «*guerra-fria*», é definida pela autora como a uma guerra psicológica-informativa, movida pelo imperialismo contra a URSS e outros países socialistas logo no final dos anos 40, com o fim de minar e subverter por dentro o regime socialista. (N. Ed.)

*psicológicos*». Qualquer «*noviço*» que caísse no seu meio era logo trabalhado no espírito de que, nas tribunas oficiais, era preciso dizer as palavras «*certas*», mas na actividade científica, em si, não se podia levar a sério as «*bagatelas marxistas*». Esta gente tinha cargos de conselheiro no CC do PCUS, na área do desenvolvimento das relações internacionais com o proletariado.

Naturalmente que, em semelhante situação, era necessário antes de mais responder a si próprio à pergunta: mas quem sou eu? Sou verdadeiramente uma cientista marxista ou uma neófita perturbada desta comunidade de lobisomens cínicos da ideologia? Confirmei sem particulares hesitações (para mim própria e para os meus «*colegas*» de então, evidentemente) a minha opção de vida. E aqui terminou (no início de 1970) a minha carreira científica oficial. Começou o período de quase duas décadas de «*dissidência ao contrário*» – a «*dissidência*» de uma marxista e comunista convicta, num país onde os juramentos de fidelidade ao marxismo e ao comunismo estavam inscritos em cada cruzamento das cidades, com letras de um metro de altura.

Hoje muitos de nós propendem a ver o nosso recente passado socialista através de um suave véu em tons de rosa, e não conseguem compreender por que razão o povo em geral não deseja por nada deste mundo regressar a esse passado, não obstante as perdas colossais em matéria de garantias sociais e económicas, o desemprego, etc. Têm medo de quê, o que é que os desgosta tanto? Perdão... mas como não ter medo? Calmamente, sem processos judiciais ruidosos, sem o tinir das armas, digamos, funcionou durante décadas um sistema que, proclamando ideais admiráveis, enviava ao mesmo tempo para a não existência civil e por vezes física todos aqueles que decidiam seguir com demasiada franqueza esses ideais inspiradores no seu trabalho e vida prática. A contragosto rejeitava-se tanto esses ideais como o poder que os proclamava. O nível de degeneração burocrática do partido e das outras organizações sociais (na prática a ele subordinadas), dos órgãos do Estado, do chamado edifício da direcção (as administrações das empresas e instituições das quais depende directamente a vida da gente laboriosa) – era monstruoso. Enorme era a escala do genocídio selectivo, direccionado, ao qual se sujeitava, em primeiro lugar, a iniciativa crítica, pensante, do povo, tanto no seio da *intelligentsia* como no seio da classe operária, e não em menor medida. Claramente esta foi uma das estratégias da quinta coluna levada conseqüentemente à prática, e, infelizmente, com um êxito inusitado.

Por isso, hoje, não há razão para nos surpreendermos assim tanto por não vermos o nosso magnífico povo soviético, aquele que nas fotografias dos desfiles militares víamos de olhos brilhantes, confiantes e ao mesmo tempo firmes, que nos cartazes da época de Bréjnev sorria e acenava com bonés e lenços. Não devemos fazer como os habitantes de Weimar, que «*não sabiam*» que Buchenwald ficava ali ao lado. Ao lado de todos nós também havia um «*Buchenwald*» de extermínio silencioso daqueles que sinceramente ansiavam viver, pensar e trabalhar de maneira comunista. A dimensão e os resultados dessa «*selecção*» podem ser hoje avaliados pelos bandos de especuladores, prostitutos literários e outros que pululam à nossa volta, pelos imbecis que se tornaram «*proprietários*» de uma mão cheia de nada e que estupidamente fazem balões de pastilha elástica.

Tudo o que foi dito não é, naturalmente, mais um «*bota-abaixo*» do socialismo, do PCUS, etc. Mas também é excessiva a presunção política, a certeza de que supostamente não foi a estrutura socialista que sofreu um fiasco mas, mas sim os diversos desvios no seu seio e as pessoas que protagonizaram esses desvios. Seguramente que

hoje isto também está fora de propósito. São precisamente esses desvios que estão hoje na crista da onda, quanto ao socialismo como tal nem vê-lo. Isto aconteceu porque os desviacionistas, e juntamente com eles o inimigo externo, infiltraram-se através de fissuras reais, fracturas e pontos de ruptura abertos no desenvolvimento socialista, em resultado da não resolução ao longo de muito tempo de contradições internas objectivas do regime socialista.

Um desses problemas crónicos e extremamente dolorosos era (e continua a ser) o não desenvolvimento na sociedade de um sistema de ligação de retorno adequado ao socialismo. Por que razão digo que «*continua a ser*»? Porque nem sequer ao nível do nosso actual «*microcosmos*», o movimento comunista, conseguimos desenvolver esse modelo de que necessitamos. De que outro sítio poderão chegar à prática social esquemas institucionais revolucionadores, de ruptura, senão dos partidos comunistas?

Em dado momento, deixou de funcionar no nosso país esse mecanismo de expressão da oposição na vida social (ligação de retorno construtiva) que é o multipartidarismo político. Isto constituiu um passo histórico inelutável, uma vez que o multipartidarismo surge e conquista terreno para funcionar apenas lá onde a classe dominante dissimula a sua hegemonia. Um Estado que reconheça abertamente o seu carácter de classe (como o poder soviético) será inevitavelmente monopartidário, monopartidário na prática, apesar de se poder manter um multipartidarismo nominal. Mas mesmo que o multipartidarismo nominal se mantenha, já não consegue desempenhar realmente a sua função de ligação de retorno. É necessário um mecanismo qualitativamente novo.

Os traços gerais de um mecanismo institucional deste tipo foram esboçados pelo partido ainda no final dos anos 20 na concepção do **desenvolvimento da auto-crítica e crítica de massas a partir de baixo**. A concepção da «*crítica a partir de baixo*», na sua essência, propunha que o **indivíduo** se tornasse a força real de oposição no Estado, qualquer cidadão de base, capaz de entender o interesse social como seu e de intervir com determinação em sua defesa. Não é difícil ver o avanço grandioso que representaria a concretização destas concepções no domínio do desenvolvimento da democracia e alargamento dos direitos humanos. Todavia, o seu conteúdo inovador era tão avançado para a época que não puderam ser materializados directamente na vida nesses anos. Mas com o início da Terceira Guerra Mundial, este autêntico voo de águia do pensamento político-filosófico bolchevique foi completamente relegado ao esquecimento. O caminho para o aperfeiçoamento do nosso sistema democrático passou a ser visto unicamente no regresso aos padrões ocidentais, onde a personalidade política é definida, em última instância, não pelo seu comprometimento com o dever social, o seu trabalho consciente pelo bem da sociedade, mas pela grandeza do capital que representa.

No entanto, a nós, actuais herdeiros do bolchevismo revolucionário soviético, foi-nos legado uma das mais grandiosas ideias democráticas da história da humanidade, e é nossa obrigação sagrada conseguir a sua realização na prática real.

Esse atraso no estabelecimento de esquemas democráticos específicos e verdadeiramente socialistas conduziu à perda do controlo sobre a cúpula dirigente por parte das massas do partido, e mais ainda pelas massas sem partido, ao total «*bloqueio*» de sinais de alarme das massas para a cúpula, o que criou condições para a degeneração, o aburguesamento das elites dirigentes em todos os níveis e à sua união com a «*internacional*» do imperialismo mundial, enquanto traidores e verdugos do seu próprio povo.

A catástrofe era inteiramente previsível! Voltando à minha dramática experiência pessoal de vida, ousou afirmar que se um dia me for possível publicar os meus trabalhos dos anos 70 e 80, o nosso público leitor convencer-se-á (tenho essa esperança) do grau que atingiram as tendências destruidoras que conduziram e anteciparam a «*placagem*». Essas tendências, caso houvesse vontade, poderiam perfeitamente ter sido bloqueadas muito antes da «*perestroika*». Não tenho dúvidas igualmente de que não fui a única a apelar, sem resposta, à razão e ao dever cívico da direcção do partido e do Estado. De modo que, no essencial, havia a **compreensão** de tudo o que estava a acontecer no nosso país e ao conjunto do organismo social. Essa compreensão só podia ter, e na realidade teve, origem no povo, nas suas camadas «*não privilegiadas*». O que não havia era mecanismos efectivos para **levar** essa compreensão das bases ao conhecimento das cúpulas e à sua transformação num factor efectivo para a tomada de decisões políticas.

Perguntamos agora: que conclusões o nosso movimento comunista actual retirou desta lição? Propriamente falando, nenhuma. Repito, a lição consiste em que, objectivamente, o partido **tinha, podia ter**, elementos que permitiam prever a desgraça que se aproximava, mas não foi capaz, não tinha e não procurou ter os meios organizativos para lidar devidamente com estes conhecimentos. Não falamos aqui da quinta coluna interna: esses ceifavam consciente e deliberadamente tal conhecimento e aqueles que o possuíam. Mas o partido não estava todo na quinta coluna.

E deve-se dizer que os estereótipos cultivados intensivamente pelos diversionistas ideológicos – o acriticismo, a infalibilidade, a variante única das decisões adoptadas pelos diversos fóruns partidários –, infelizmente, penetraram profundamente num grande número de mentes. Das tribunas troam filípicas iradas contra as plataformas no partido, que supostamente terão destruído o PCUS... Porém, o PCUS não foi destruído porque ao lado de comunistas se viam não comunistas e anticomunistas, mas sim porque os comunistas não tinham qualquer possibilidade de se manifestar abertamente sobre esta situação anormal e expor os anticomunistas à luz do dia.

Adiante; se na renovada sociedade socialista por nós reconstituída o papel dirigente do Partido Comunista, de uma forma ou de outra, for reconhecido constitucionalmente, então é preciso compreender que o multipartidarismo (mesmo que formalmente estabelecido na lei) se tornará uma ficção, e que o partido governante terá de aprender a reflectir e equilibrar no seio da sua própria estrutura todo o espectro de opiniões que existem no Estado.

Assim, o modelo do futuro organismo partidário, o qual há muito que se deveria ter começado a construir, é precisamente um partido unificado, à escala do todo nacional, com um determinado número de plataformas (não de fracções!), que se distinguem por diferentes abordagens ideológicas. Contudo, tem aparecido tudo o que se queira, excepto aquilo que objectivamente se exige para a restauração do país. O UPC-PCUS insiste obstinadamente numa linha de construção do partido como federação das formações territoriais (das repúblicas), que na nossa convicção não tem perspectivas nas actuais condições. Nenhum dos partidos existentes e grupos minimamente influentes tem uma metodologia e uma tecnologia de resolução civilizada das divergências internas: mal se constituem, esses partidos, em regra, dividem-se. Como podemos propor-nos a juntar num todo uno o nosso Estado Soviético? Será que não está claro que, em 1922, o esqueleto estrutural sobre o qual «*cresceu*» a URSS era o PCR(b)? Será que o PCR(b) se assemelhava ao UPC-PCUS? Não, em 1919, no VIII congresso do partido, esse esquema foi resolutamente rejeitado. E que tipo

de Estado poderá derivar dessa construção ainda fresca que dá pelo nome de *Roskomsoiuz*.<sup>3</sup> Por si própria, a formulação da pergunta torna a resposta clara.

E por fim, uma coisa que não se pode deixar falar (foi com isto que comecei): o movimento comunista não terá qualquer sentido, enquanto não se definir em relação ao seu passado recente. Discutimos uma e outra vez, «*passamos a pente fino*» o PCUS: a sua degeneração, a sua traição, a sua derrocada, etc. Mas no nosso passado não houve apenas o PCUS. Houve uma resistência consciente e inconsciente àquilo que estava a acontecer nele, e através dele ao que irreversivelmente acontecia com o Estado, com o povo. Agora digo o seguinte: houve Resistência (com maiúscula) a tudo o que estava a acontecer, mesmo que isso só fosse conhecido, de modo geral, no KGB, na *Stáraia Plóchad*,<sup>4</sup> nas redacções do jornal *Pravda* e da revista *Kommunist*, etc. O marxismo não morreu no país, não morreu a ideia comunista. No entanto, pergunta-se: por que razão hoje isto é silenciado no nosso meio? Não sabiam, não suspeitaram e ainda hoje não conseguem conceber tal coisa? Então, desculpem-me, mas quem sois? É que houve gente que arriscou a vida nesta batalha pelo comunismo, e ao que parece não sabíeis de nada. E se sabíeis e calastes, então não há mais nada a discutir...

Há muitas perguntas que se colocam e todas elas, no essencial, constituem um excelente papel de tornassol, que ajudaria muito a esclarecer a verdadeira situação na comunidade, hoje chamada movimento comunista. Tenhamos coragem para apontar este «*indicador*» ao contrário. Isso não assustará quem há muitos anos, mesmo que solitariamente, encontrou em si forças para se levantar para o ataque na Terceira Guerra Mundial. Mas e aqueles que se passaram para o lado contrário ou se puseram de lado ficando sentados na retaguarda... É claro que se pode ter «*líderes*» desses, mas nesse caso não se deve protestar pelos resultados.

*T. Khabarova*  
26 de Junho de 1994

---

<sup>3</sup> União dos Partidos Comunistas da Rússia. (N. Ed.)

<sup>4</sup> Praça Velha, local onde se situava a sede do Comité Central do PCUS. (N. Ed.)